

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1387 | 15/05/2017 a 21/05/2017

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

BIOENERGIA

ENERGIA RENOVÁVEL

Recursos de biomassa vegetal, dejetos de animais e incidência de luz solar são potenciais energéticos para o Brasil



sistemafaep.org.br

Aos leitores

O que por muitos anos foi encarado como um passivo para o homem do campo, os avanços tecnológicos tratam de transformar em fontes de energia. Biomassa vegetal e dejetos de animais atravancavam o dia a dia nas propriedades. Agora, produtores começam a ter acesso a equipamentos que transformam biomassa em bioenergia. Dejetos em biogás. Além dos benefícios econômicos, com uma dependência menor das concessionárias de energia, quem optou pela adoção dos biogestores em suas terras acabou se beneficiando ambientalmente.

A tecnologia também tem permitido que a aviação agrícola seja mais precisa, com uma pulverização mais econômica e controle sobre a deriva de agroquímicos

Nesta edição, trazemos também uma reportagem sobre a primeira reunião regional para a divulgação do ProSolo.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oraldi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | **Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curí Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon

Edição: Ricardo Medeiros

Redação e Revisão: André Amorim e Carlos Guimarães Filho

Projeto Gráfico e Diagramação: Diogo Figuel

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1387:

Fernando Santos, Cleber França, Milton Dória e Giuliano Gomes, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

ÍNDICE

ENERGIA

Saída para o campo

PAG. 16

AVIAÇÃO AGRÍCOLA

Precisão na pulverização

Pág. 3

PROSOLO

Maringá recebe primeiro encontro regional

Pág. 6

ENTREVISTA

Jorge Samek

Pág. 12

SILAGEM

Nutrição para o inverno

Pág. 20

HISTÓRIA

O "pai" do futebol brasileiro

Pág. 22

Reforço na defesa das lavouras

Uso da pulverização aérea fortalece o combate a diversas doenças e pragas. Número de aeronaves para o trabalho no campo dobrou no país na última década

Por Carlos Guimarães Filho



Apesar das máquinas agrícolas, principalmente os pulverizadores e tratores, ainda assumirem o papel de destaque no cuidado e manutenção das lavouras, a aviação agrícola tem conquistado espaço no combate a doenças e pragas. A cada temporada aumenta a quantidade de produtores que apostam na pulverização aérea para garantir, sem contratempo, a produtividade das plantas.

O avanço do setor pode ser comprovado pela frota

nacional. Conforme dados da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), o número de aviões agrícolas mais do que dobrou no Brasil nos últimos 10 anos. Em 2007, o país contava com 1.005 aeronaves para essa finalidade, a passo que a frota atual é de 2.084. O crescimento para o uso no campo supera o do segmento como um todo. No mesmo período, a quantidade de aeronaves no país, de todos os tipos de registros, saltou de 17.335 para

21.919 unidades, aumento de 26%.

O crescimento do setor está calçado em uma série de ganhos, tanto técnicos como financeiros. De acordo com produtores e profissionais que operam o sistema, a aviação agrícola evita, entre outros aspectos, o amassamento das plantas e/ou a compactação do solo em função do uso de pulverizadores terrestres, que podem gerar prejuízo de três a cinco sacas por hectare, dependendo da cultura.

Esse “desperdício” na produtividade fez com que o produtor João Fernando Taques optasse, há anos, pela pulverização aérea nas suas duas propriedades, uma de 2,4 mil hectares em Piraí do Sul (Campos Gerais) e outra de 12 mil hectares em Alto Parnaíba, no Maranhão. “Perdi bastante com amassamento. Na época, observamos que comprometia de 2% a 3% da produtividade”, relembra Taques.

“O milho, quando está alto, acima de 1,5 metro, o pulverizador irá danificar a lavoura. A perda será grande, além de comprometer a polinização das plantas”, diz Osmar Senger, piloto e proprietário da empresa Senger Aviação Agrícola, que opera na região dos Campos Gerais. Antes de desembarcar no Paraná, trabalhou por mais de 10 anos em fazendas do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e também na aviação comercial.

A empresa Senger foi criada em 2012, após o empresário identificar a retomada da demanda por parte dos

produtores de Ponta Grossa – o município conta com três empresas no ramo. “Há 20 anos, a cidade chegou a ter 16 aviões agrícolas. Mas com o Plantio Direto, a necessidade diminuiu, quase zerou a frota. De alguns anos para cá, o índice de doenças aumentou bastante e os produtores voltaram a procurar o serviço”, relembra.

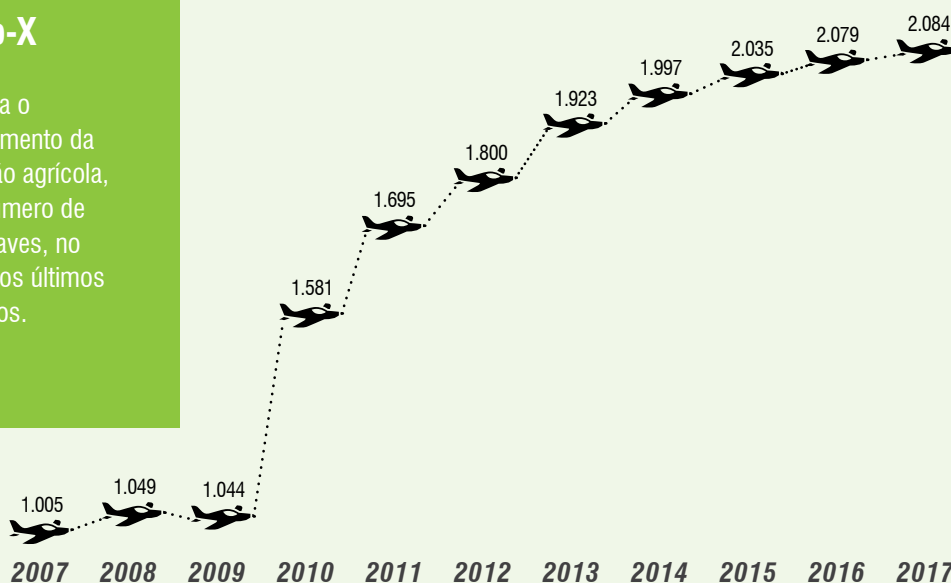
Atualmente, 80% dos serviços da empresa, que conta com duas aeronaves modelo Ipanema da Embraer, são destinados ao milho, enquanto o restante está na soja. Entre novembro e abril, os voos são praticamente diários. “O uso na região é voltada, principalmente, para o cereal, que antes não tinha doença, mas agora registra muita lagarta e mancha branca. Em alguns casos, fazemos até três aplicações de fungicida na lavoura”, complementa.

Outra vantagem do uso da pulverização aérea está na velocidade de aplicação. Esse foi um dos motivos que atraiu o produtor Edilson Gorte, que utiliza o sistema “desde que era apenas filho de produtor” nas lavouras de milho e soja nas propriedades em Palmeira, Ponta Grossa e Imbituva.

“Enquanto a pulverização terrestre levaria três dias para fazer certa área, a aérea faz em meio dia. O ganho de eficiência e tempo é enorme”, conta Gorte, que na safra passada precisou esperar quatro dias na fila para contratar o serviço. “Antigamente, o avião precisava ir longe para fazer a curva e voltar no mesmo ponto para dar continuidade

Raio-X

Confira o crescimento da aviação agrícola, em número de aeronaves, no país nos últimos 10 anos.



Fonte: Anac

na aplicação. Hoje, com o uso de tecnologia, o avião não precisa retornar ao ponto de parada da linha. Isso reduz o gasto com gasolina e tempo”, complementa.

Além de produtores, a aviação agrícola também atrai cooperativas pelo Estado. A C.Vale, de Toledo, na região Oeste, conta com uma frota própria de sete aviões Ipanema, sendo seis em operação no Paraná e um no Mato Grosso do Sul. Desde 1975, a aviação agrícola da cooperativa já pulverizou mais de 3 milhões de hectares.

Em média, o serviço de pulverização aérea custa R\$ 38 por hectare, mais o valor dos produtos, que geralmente são fornecidos pelos produtores.

Perícia

A aviação agrícola requer muita técnica e perícia para garantir que a aplicação dos produtos ocorra de forma eficiente, sem risco de acidentes. A altura de voo afeta diretamente a ação dos fungicidas e similares nas plantas. Segundo Senger, a aplicação precisa ocorrer entre 2,5 a 4 metros do topo da lavoura, dependendo do vento. Do contrário, o risco de deriva dos agroquímicos é grande. “Tem uma série de cuidados para fazer o voo com aplicação eficiente”, aponta.

Para garantir mais segurança e reduzir custos, Senger conta com sete pistas, espalhadas de forma estratégica por quatro municípios dos Campos Gerais. Na temporada passada, cada avião da empresa percorreu 16 mil hecta-

res. Na retrasada, quando ocorreu o fenômeno El Niño e o índice de chuva foi maior, o que aumenta a ocorrência de doenças, a área percorrida chegou a 20 mil hectares.

Mesmo fora da temporada de aplicação, os voos são contínuos na região dos Campos Gerais. Os pilotos fazem exercício usando água. “Como tem uma escola de aviação agrícola em Ponta Grossa, o pessoal pediu para realizar exercício na minha propriedade. Tempo todo tem avião passando”, conta Gorte. “Já vi avião sair com cacho de trigo na roda. Esse tipo de serviço exige alta técnica e precisão.”

50 hectares

É a área média que uma aeronave agrícola consegue pulverizar a cada voo



Encontro do Prosolo reúne produtores em Maringá

Na primeira reunião foram debatidos desafios para aumentar a produtividade das lavouras com o uso adequado do solo

Por Rogério Recco



Ronei Volpi: Prosolo ajuda a criar um ambiente de produção melhor para as gerações futuras

A primeira reunião da série de encontros regionais para difundir o Programa Integrado de Conservação de Solos e Água do Paraná (Prosolo), no dia 10 de maio, no recinto do Parque Internacional de Exposições de Maringá (PR), durante a 45.^a Expoingá, contou com a participação de cerca de 150 pessoas, entre produtores rurais, técnicos de setores públicos e representantes de instituições, empresas e cooperativas.

Durante a solenidade de abertura do encontro, a presidente da Sociedade Rural de Maringá (SRM), Maria Iraclécia de Araújo, destacou a importância da reunião “sob o aspecto da conservação do maior patrimônio dos produtores, o solo”.

Segundo o presidente do Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária do Paraná (Fundepac), Ronei Volpi, o desafio de aumentar a produtividade das lavouras depende não apenas do emprego das melhores tecnologias, mas, principalmente, do uso adequado do solo. Para ele, a agri-

cultura do Estado, que já foi uma referência nacional e internacional em conservação do recurso natural, sofreu um retrocesso com a gradativa perda de qualidade do plantio direto, causada por fatores como o uso de máquinas maiores e a retirada de terraços e curvas de nível, o que facilitou a ocorrência de processos erosivos em diversas áreas. “A erosão foi agravada no ano passado pela intensa atividade do fenômeno climático El Niño, que trouxe muitas chuvas. O Prosolo oferece a oportunidade para que venhamos a produzir de maneira mais responsável e sustentável, deixando um ambiente de produção melhor para as gerações futuras”, disse Volpi.

O vice-presidente da Ocepar, Luiz Lourenço, afirmou que é preciso retomar os terraços e as curvas de nível. Ele chamou a atenção para os problemas de erosão na região do Arenito Caiuá (Nordeste paranaense), que por causa da vulnerabilidade do solo, está levando a uma situação “desastrosa”. O dirigente explicou que a fertilidade quase não



Norberto Ortigara: é preciso oferecer profissionais para prestar orientações nas diferentes realidades do Estado

existe e são ainda incipientes os trabalhos de conservação que eles praticam. “Observa-se um descaso por parte de muita gente, que ainda insiste em usar grade, por exemplo, o que não atende ao objetivo que é o de buscar o crescimento sustentável”, afirmou. No entanto, há soluções, observou Lourenço, mencionando que mesmo em regiões de solos pobres, há produtores conduzindo suas propriedades de maneira exemplar, bem orientados e obtendo médias altas de produtividade de grãos e produção de carne. “Temos 2 milhões de hectares de pastagens degradadas na região Noroeste e vejo isto como um espaço que pode e deve ser incorporado ao processo produtivo, por meio de práticas conservacionistas”, disse.

Propósito

O secretário de Agricultura e Abastecimento e presidente do conselho consultivo do Prosolo, Norberto Ortigara, ressaltou o benefício do programa para a sociedade. “É um bom propósito, um propósito de toda a sociedade, que surge para ser duradouro. Tem muita gente fazendo a coisa certa e que será a nossa referência prática.” O secretário lembrou que “a perda de um centímetro de camada superficial do solo demora uma vida para se recuperar e temos que interromper esse processo de degradação”.

Ortigara explicou, durante o encontro em Maringá, que o Prosolo se desenvolve por meio de algumas estratégias. De início, a capacitação profissional, com o objetivo de chegar a 2 mil técnicos preparados até 2018, dos quais a primeira leva, com

350, “já saindo do forno”. Segundo o secretário, é preciso ofertar profissionais para prestar orientações nas diferentes realidades do Estado e desenvolver programas adequados às respectivas regiões.

Outra estratégia é investir na pesquisa para, nas palavras de Ortigara, “calibrar as informações disponíveis em todo o Paraná” e chegar ao nível de cada município.

O secretário mencionou ainda que práticas como o consórcio milho e capim braquiária no inverno, vêm dando certo e devem ser incentivadas. Segundo ele, o proprietário rural que identificar um tipo de problema em sua área e quiser ajuda especializada para resolvê-lo, terá até o dia 29 de agosto deste ano para aderir

voluntariamente ao programa, entrando em contato com a unidade da Emater mais próxima. Depois disso, contará com o prazo de um ano para efetuar o planejamento e de três anos para a execução do trabalho.

O secretário-executivo do Prosolo, Werner Herman Meyer Júnior, apresentou detalhes, durante o encontro, sobre como se desenvolverá o programa nos próximos anos. Segundo ele, a erosão implica no aumento dos custos da agricultura, com a perda da camada fértil e a redução do lucro do produtor. No Paraná, como 80% das estradas vicinais não são pavimentadas, elas estão diretamente ligadas ao trabalho de conservação do solo, porque em muitos municípios essas vias são, direta ou indiretamente, causadoras de processos erosivos.



Paraná enfrenta problemas com erosão

Punição

O produtor rural que, comprovadamente, estiver fazendo mau uso ou o emprego inadequado do solo em sua propriedade, poderá ser autuado. A afirmação foi do coordenador de Solos da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Luiz Renato Barbosa, que explicou que a Lei estadual 8.014/84, que estabelece as diretrizes para uso do solo, prevê desde uma advertência, a processo administrativo e multa de 5 a 17 Unidades Padrão Fiscal (UPF) por hectare prejudicado, cujo valor unitário é atualmente de R\$ 96,51.

Barbosa observa que o trabalho de fiscalização está em curso no Estado e, ao ser detectado um problema, o proprietário é imediatamente notificado, estabelecendo-se um prazo para o seu equacionamento.

Manejo

Lançado em agosto de 2016 pelo governo do Estado com apoio de diversas entidades, entre elas o Sistema FAEP/SENAR-PR, o Prosolo tem como objetivo recuperar no Paraná as boas práticas de manejo de solo e água, que visam proteger a terra da erosão, fenômeno que voltou a aparecer com força nas propriedades paranaenses nos últimos anos, fruto do abandono de algumas técnicas conservacionistas.

O programa oferece suporte técnico para produtores que desejam manter a qualidade do solo e água na sua propriedade, além de corrigir problemas que eventualmente já estejam ocorrendo. Segundo dados da Secretaria

Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), 30% das propriedades paranaenses sofrem com o processo de erosão nos mais diversos níveis.

Para contribuir para reverter esse quadro no Estado e incentivar produtores a aderirem ao Prosolo, o conselho consultivo do programa decidiu, durante reunião realizada em Curitiba no dia 2 de maio, organizar uma série de sete encontros regionais para difundir as ações do Prosolo. A próxima reunião está marcada para 23 de maio, em Carambeí (Campos Gerais). Os encontros ainda vão ocorrer em Guarapuava e Pato Branco, no dia 30 de maio; em Cascavel e Umuarama, em 31 de maio; e em Londrina, no dia 1.º de junho.

Fique atento

- Os produtores têm até 29 de agosto para fazer a adesão voluntária ao programa, por meio do preenchimento do termo de compromisso.
- O prazo para a elaboração de um projeto técnico, que deve ser apresentado à Emater, é de um ano.
- O projeto deve ser executado em até três anos.



Reunião do Conselho Consultivo do Prosolo, em Curitiba

Usda estima produção mundial de soja menor na safra 2017/18

Relatório também indica queda na colheita do milho na nova temporada



Em seu relatório mensal de oferta e demanda, divulgado no dia 10 de maio, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) trouxe as primeiras previsões para a safra 2017/18. A produção de soja nos Estados Unidos foi estimada em 115,8 milhões de toneladas (1,21% menor do que a safra passada). A produtividade foi projetada em 54,45 sacas por hectare, uma redução de 7% em relação à temporada 2016/17. As exportações norte-americanas da nova temporada deverão somar 58,51 milhões de toneladas (aumento de 6% em relação à safra atual).

O relatório da Usda estima uma redução de 0,97% na produção mundial de soja, chegando a 344,6 milhões de toneladas, contra 348 milhões de toneladas da safra atual, com os estoques finais baixando de 90,1 milhões para 88,81 milhões de toneladas, um recuo de quase 1,5%.

Já a produção norte-americana de milho é estimada em 357,2 milhões de toneladas, 7,15% menor do que a anterior.

A queda esperada é resultado de uma menor produtividade, alcançando 180,67 sacas por hectare (menos 2,23%). As áreas plantada e colhida foram projetadas em 36,42 e 33,35 milhões de hectares, respectivamente.

O levantamento do Usda aponta ainda uma produção global de milho 2,95% menor do que a anterior, de 1.033,6 bilhão de toneladas, e uma baixa de 12,79% dos estoques finais globais, para 195,27 milhões de toneladas.

A estimada da colheita 2017/18 no Brasil deve ficar em 95 milhões de toneladas e as exportações em 34 milhões. A safra esperada na Argentina é de 40 milhões de toneladas e as exportações, 28,5 milhões de toneladas.

Estoques finais

O departamento norte-americano confirmou, em seu relatório, redução dos estoques finais da safra atual de soja, estimados agora em 11,8 milhões de toneladas, e o aumento das exportações norte-americanas da oleaginosa, projetadas em 55,7 milhões de toneladas. Volume abaixo do já divulgado pela Usda (56,6 milhões de toneladas).

A produção mundial de soja da safra 2016/17 foi revista para cima, passando de 345,97 para 348,04 milhões de toneladas, o que elevou os estoques finais globais para 90,14 milhões, contra 87,41 milhões do mês anterior. Em relação ao relatório passado, o departamento norte-americano apontou que a safra brasileira alcançou 111,6 milhões de toneladas e a argentina, 57 milhões de toneladas. Os estoques finais do Brasil subiram para 23,2 milhões de toneladas e os da Argentina para 31,65 milhões.

Em relação ao milho, a Usda indicou poucas mudanças para a safra 2016/17. Os estoques finais dos EUA são estimados em 58,3 milhões de toneladas, contra 58,93 milhões de abri. As exportações norte-americanas foram mantidas em 56,52 milhões. Já a produção mundial subiu de 1.053,2 bilhão para 1.065,1 bilhão de toneladas, e os estoques finais de 222,9 milhões para 223,9 milhões de toneladas.

A safra brasileira, segundo o levantamento do departamento norte-americano, passou para 96 milhões de toneladas e a da Argentina para 40 milhões.

A questão da lã

Com o crescimento do plantel paranaense de ovinos, destino dos subprodutos da cadeia ganha relevância



O crescimento do plantel de ovinos no Paraná nos últimos anos gera um efeito colateral que pode ser melhor aproveitado pelos criadores do Estado. Com o aumento no número de animais, cresce também a disponibilidade de lã, que, se utilizada, proporcionaria renda extra aos produtores. De acordo com dados da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), entre 2005 e 2015 o número de animais cresceu 20% no Estado, passando de 511 mil para 614 mil cabeças.

Hoje, de acordo com o Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem no Estado do Paraná (Sinditêxtil), não há no Paraná nenhuma indústria que processe a lã. Na maioria dos casos, o material tosquiado é encaminhado para o Rio Grande do Sul, onde é processado e transformado em peças de roupa e outros produtos.

A região Sul é onde está a maior produção de lã do Brasil. Os gaúchos são os principais produtores nacionais, seguidos pelo Paraná. Em 2015, o Valor Bruto da Produção (VBP) no Estado somou R\$ 1,2 milhão, com produção de 431.333 quilos de lã crua. A região central do Paraná concentra essa produção, com 256.620 quilos

e um VBP de R\$ 751 mil.

No Paraná predomina a criação de raças lanadas, como Texel, Ile de France e outras voltadas à produção de carne, que não têm pelagem tão espessa para que a extração comercial da lã seja expressiva, a exemplo de outras raças, como Merino, Corriedale e Ideal.

Mesmo assim, com o crescimento do plantel, esse subproduto poderia ser melhor aproveitado, proporcionando renda extra para os produtores. É o que diz acreditar o coordenador do setor de ovinocultura da cooperativa Castrolanda, em Castro (Campos Gerais), Tarcísio Bartmeyer. "A ovinocultura está crescendo no Paraná. Precisa de indústrias que aproveitem esses subprodutos", observa. Bartmeyer

24 mil

é a quantidade de matrizes de ovinos no Paraná



sugere que a elaboração de um estudo para mensurar o potencial deste setor e verificar a viabilidade para processar o produto no Estado. Além da lã, Bartmeyer destaca o baixo aproveitamento da pele dos animais, que na maioria dos casos é descartada. “Tem alguns locais que são informais, que compram, mas maioria vai para a graxaria”, diz.

O abate regularizado de ovinos no Paraná gira em torno de 10 mil animais por ano. Só a Castrolanda abate cerca de 5 mil ovinos anualmente. A lã não vem dos animais abatidos, pois como o ciclo de vida é muito curto (por volta de quatro meses), não dá tempo do pelo crescer. A lã vem da tosquia das ovelhas matrizes. O plantel abrangido pela Castrolanda possui cerca de 6 mil matrizes, que são tosquiadas uma vez por ano, rendendo uma média de três a quatro quilos de lã por animal.

Esse processo, segundo Bartmeyer, ocorre de duas formas. Na primeira, o profissional que faz a tosquia troca a lã pelo serviço. Em outros casos, o próprio produtor executa a tosquia e armazena a lã para vender mais tarde, obtendo entre R\$ 2 e R\$ 5 o quilo do produto, dependendo da época do ano.

No caso da Cooperaliança, localizada em Guarapuava (região Centro-Sul), a estratégia é mais lucrativa. Segundo a vice-presidente da cooperativa e presidente da Comissão Técnica de Caprinocultura e Ovinocultura da FAEP, Adriane Azevedo, a lã tosquiada é vendida por cerca de R\$ 2,50 o quilo. Com um rendimento de três quilos por ovelha e o custo da tosquia de R\$ 3,50 por animal, sobra R\$ 4 por cabeça para os cooperados. “Não é um valor expressivo, mas já ajuda. O que os cooperados nos contam é que a venda da lã chega a pagar o custo dos medicamentos”, afirma Adriane.

No caso do couro, a situação é semelhante. Um parceiro compra por cerca de R\$ 4 cada pele e encaminha para a indústria. “Não é um valor alto, mas pelo menos não jogamos fora”, avalia.

De acordo com o Sindicato da Indústria de Curtimento de Couros e Peles do Estado do Paraná (Sicppar), a grande maioria dos estabelecimentos trabalha apenas com pele de bovinos, o que seria mais um entrave para a venda desses subprodutos da cadeia do ovino de corte.

Tanto Tarcísio quanto Adriane concordam que existe

um potencial que poderia ser melhor aproveitado no Estado, mas para isso seria necessário ter um volume maior de produção. “Em um primeiro momento teria que organizar e vender essa lã para fora [do Estado] e depois, quem sabe, transformar essa lã aqui dentro para agregar valor”, pondera Adriana. “Sozinhos, nós não temos volume para viabilizar um investimento de transformar esta lã”, observa Bartmeyer.



Em Tibagi, lã vira peças que aquecem o coração

Uma das soluções para o aproveitamento da lã dos ovinos paranaenses vem de Tibagi, nos Campos Gerais. Há 32 anos em atividade, a Associação Tibagiana de Artesanato (Atiart) transforma o produto da tosquia de ovelhas em blusas, tapetes, mantas, acolchoados, gorros, bacheiros para cavalos e outros produtos de lã.

O sistema funciona como uma parceria entre ovinocultores e artesãos. “Os produtores trazem a lã na associação e recebem como pagamento um vale, que eles podem trocar por mercadorias”, explica Dulce Fátima Silva, presidente da Atiart.

Segundo ela, a lã chega cinza (crua), é lavada, passa por vários processos até ser transformada em fio para confeccionar as peças comercializadas. Para efeito de comparação, para fazer uma blusa é gasto, em média, 1,5 quilo de lã.

Além de resgatar as práticas de produção artesanal, por meio das técnicas de crochê, bordado, abrolho e pintura, a Atiart também tem viés social. De acordo com Dulce, os integrantes – em sua imensa maioria mulheres – são pessoas em risco social que são remuneradas pela associação de acordo com a produção, proporcionando renda e dignidade às famílias dos associados.

A água na vida de Jorge Samek

Diretor-geral brasileiro de Itaipu por 14 anos, o engenheiro agrônomo levou experiência da agricultura para a gestão de uma das maiores hidrelétricas do mundo



Após 14 anos à frente da Itaipu Binacional, Jorge Samek volta às suas origens de homem do campo e servidor da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar). Engenheiro agrônomo por formação, Samek levou sua experiência na agricultura para comandar, como diretor-geral, uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo.

Conhecedor das demandas do agrogócio e dos produtores, Samek fortaleceu parcerias com entidades rurais, como o Sistema FAEP/SENAR-PR. Sob seu comando, Itaipu

investiu no desenvolvimento de tecnologias, como a do biogás, e apoiou programas, como o Plante Seu Futuro, Prosolo, entre outros.

Nesta nova fase da vida, Samek afirma ter se aposentado das disputas eleitorais e que pretende se dedicar ao trabalho nas propriedades da família. Sonha ainda em levar a experiência na criação do sistema integrado de energia do Brasil para o Mercosul e toda a América do Sul, usando todo o potencial da região para colocar fim dos riscos de falta de energia

Leia a seguir trechos da entrevista com Jorge Samek:

Cultivando Água Boa

“Aproveitei toda a experiência que eu tinha na área da agronomia e gestão [foi secretário, presidente de empresa e parlamentar] para administrar a maior empresa de energia limpa e renovável do mundo. Uma coincidência extraordinária, já que a mesma matéria-prima da agricultura é a matéria-prima da energia. Ela se chama água. Óbvio que para produzir energia não tem a necessidade de

ser uma água limpa, potável. Mas que ao não tratar os mananciais de forma correta, a vida útil das usinas e dos reservatórios diminui substancialmente. Então, tinha ali uma questão fundamental a ser tratada no sentido de não só cuidar o nosso reservatório, mas de abrir uma discussão enorme, uma conscientização sobre este patrimônio, do qual o Brasil representa 14% [porcentagem de água doce do planeta que está no território brasileiro]. Eu tinha experiência da Secretaria da Agricultura, do manejo integrado do solo, das leis de utilização das microbacias, das estradas em níveis. Organizamos um grande arranjo institucional que abrangesse a todos para poder trazer esse tema fortemente para discussão. Daí surgiu o projeto Cultivando Água Boa.”

Bons resultados

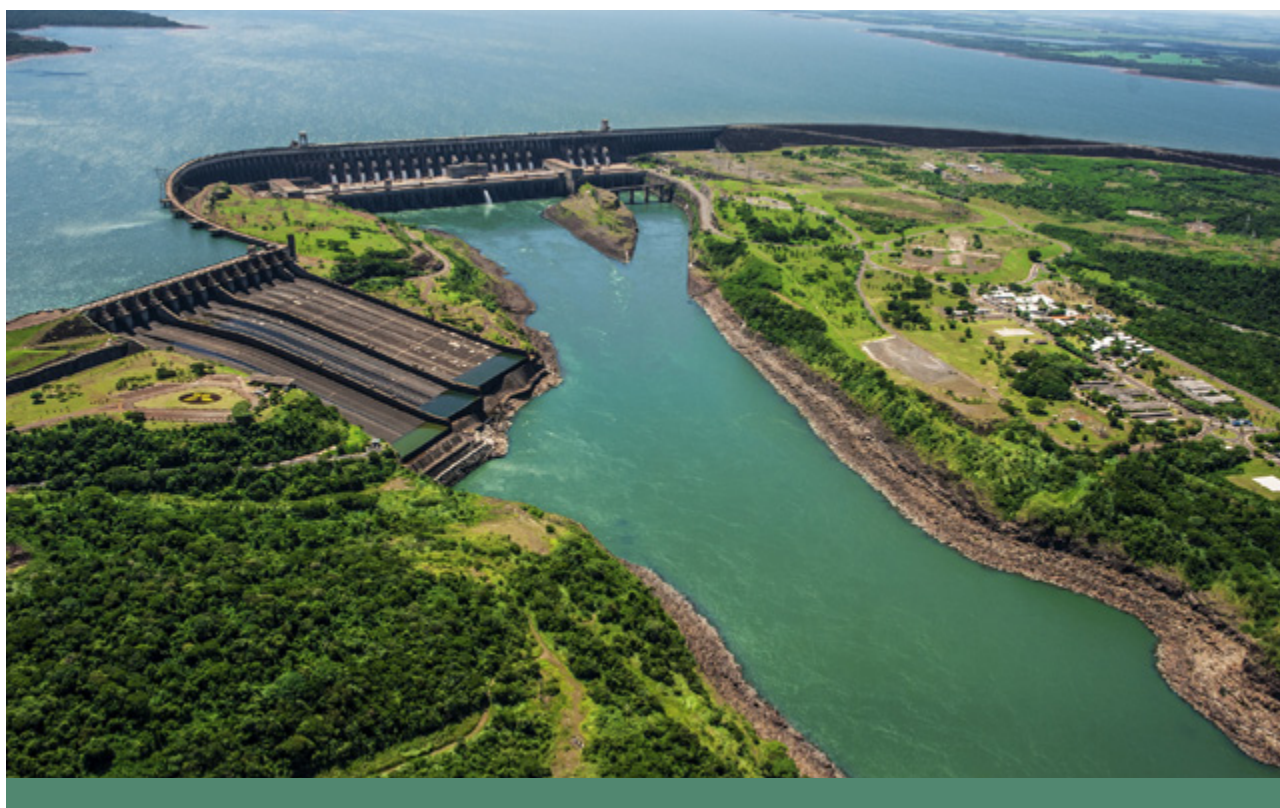
“Conseguimos já a partir do sexto ou sétimo ano colher resultados extraordinários que chegaram à ONU. Quando o Ban Ki-moon [oitavo secretário-geral da Organização das Nações Unidas] tomou conhecimento da forma como

se atuava, da participação de cada produtor, de cada rio, de cada córrego, de cada nascente, do envolvimento dos estudantes, das mulheres, das agricultoras, dos agricultores, mostrando que nesse processo cabia todo mundo, ele se interessou muito, veio pessoalmente visitar Itaipu, por duas vezes. Agora, antes ainda de sair da ONU, trouxe a segunda vez uma equipe de quase 20 pessoas para mostrar como tinha uma região que estava basicamente trabalhando alicerçada nesses 17 objetivos do desenvolvimento sustentável. Mostrando que preservar e produzir não são incompatíveis. Dá pra caminhar junto, gerar emprego, oportunidade, trabalho e ao mesmo tempo preservar o meio ambiente. A utilização de uma agricultura bem feita não estraga os solos. Ao contrário, ela melhora o solo. E com isso fomos batendo recordes de produção de energia.”

Arranjo produtivo

“Quando o agricultor está capitalizado, quando a sua lavoura produz bem e o preço é bom, é fácil fazer esse arranjo

“Organizamos um grande arranjo institucional que abrangesse a todos pra poder trazer esse tema fortemente para discussão. Daí surgiu o projeto Cultivando Água Boa”



produtivo. Porque o agricultor, no vermelho, não cuida do verde. Não tem como convencer alguém a abrir parte da sua propriedade para poder recuperar uma nascente ou uma mata ciliar se o banco está ali tentando tomar sua propriedade, fruto de uma frustração de um ano, dois anos, três anos ou de preços muito ruins. E isso não ocorreu nesse período, facilitando demais a evolução da conscientização na região.”

Biogás

“Nos meus anos em Itaipu, também teve uma revolução no Oeste do Paraná, que foi a transformação da proteína vegetal em proteína animal. O Oeste sempre produziu muita soja, muito milho, teve época que produziu algodão, menta, até hortelã, trigo e se exportava estes produtos. No começo ia tudo para Paranaguá e depois, devagarinho, as cooperativas e as empresas começaram a processar todo esse produto lá mesmo. Quando veio esse milagre de você plantar soja e colher frango temperado, pré-cozindo, pronto pra consumo, isso gerou empregos para toda a região. Além de dar uma perspectiva para os filhos dos agricultores.

Junto com a introdução de diversas instituições universitárias, ao mesmo

tempo começou a se dar oportunidade de trabalho. Porque uma planta dessas, que processa 400 mil frangos por dia, precisa de engenheiro químico, engenheiro mecânico, advogado, administrador de empresas, jornalista, veterinário, agrônomo. A logística é extraordinária. Porque com 38 ou 40 dias tem que tirar o frango de lá. Não pode ser um dia a mais, nem um dia a menos. As rações têm que estar lá dentro daquele cronograma. Isso exige muita operação em tecnologia da informação e precisa de gente especializada. Então os filhos dos agricultores, que deixavam a região, como foi o meu caso, agora estudam e voltam e podem trabalhar na própria região ou na própria propriedade. E isso mudou o perfil.

Hoje temos uma cidade de classe média, com muita renda e com filho estudando. A previsão das cooperativas e das empresas que atuam no setor da transformação da proteína vegetal em proteína animal na região é de que a produção triplique nos próximos nove anos. E esses animais comem muito e criam dejetos em quantidade enorme, que são um ativo extraordinário. Isso, tratado, vira adubo orgânico. Nas lavouras das propriedades em que é feito o trabalho de tratamento dos dejetos,

“Então os filhos dos agricultores, que deixavam a região, como foi o meu caso, agora estudam e voltam e podem trabalhar na própria região ou na própria propriedade”



Programa Cultivando Água Boa ajudou a recuperar bacias hidrográficas no Paraná



Fazenda da família de Samek, em Santa Terezinha de Itaipu

mesmo que fique 15 dias sem chover, a planta não sente nada. Porque o que retém umidade no solo é a matéria orgânica. Então vai ter triplicação dessa matéria-prima. É aí que começamos, junto com as universidades, com as empresas de transporte (parcerias com a Renault, Fiat, BMW) a utilizar também o biogás. E a própria Itaipu deu o exemplo. A empresa tem 56 carros movidos a “titica de galinha”. Fizemos também uma parceria fantástica com a New Holand. Para que o agricultor possa produzir a sua própria matéria-prima. Vai ter o seu próprio combustível e não vai mais precisar de óleo diesel. Então ele extrai o biometano, transforma isso em energia para movimentar as suas máquinas, trata e devolve esse adubo como matéria orgânica para o solo, utilizando muito menos adubo mineral.”

Volta às origens

“Nunca me desliguei da questão da terra. Mesmo na Itaipu, não tinha semana que eu não ia na fazenda da minha família, em Santa Terezinha de Itaipu, ou na minha propriedade de reflorestamento no Vale do Ribeira. Quero me dedicar mais agora. Ajudar meu irmão, minha mãe.”

Integração energética

“Tenho convite da Fundação Getúlio Vargas para ser consultor. A instituição gostou de uma tese que defendo, que é integrar o sistema energético dos países do Mercosul. E depois ampliar para toda a América do Sul. O Brasil, depois que integrou o seu sistema, ganhou uma Itaipu de graça. Quando você envia energia de uma região para outra, mesmo quando temos uma seca em uma determinada região do país, não temos mais problemas de abastecimento. Se a gente usar esse mesmo modelo na América do Sul, pegar energia da Argentina, da Venezuela, da Guiana. O Peru e Bolívia têm possibilidades enormes. Podemos fortalecer a integração do Mercosul.

Começamos esse estudo na Itaipu e, a pedido da FGV, fiz várias palestras sobre a proposta. Este modelo já ocorreu na Escandinávia, na América Central, Portugal e Espanha têm um sistema integrado. A minha ideia seria reunir toda a Bacia do Prata e todas as usinas nos rios que alimentam a bacia em uma empresa só. A cota seria proporcional à produção de cada país. Acredito que ajudaria a acabar com a instabilidade do bloco.”

“Quando você envia energia de uma região para outra, mesmo quando temos uma seca em uma determinada região do país, não temos mais problemas de abastecimento”



Fontes renováveis

Biomassa e outras matrizes energéticas podem ser aproveitadas dentro das propriedades

Por André Amorim

Por conta da abundância de recursos de biomassa vegetal, dejetos de animais e da incidência de energia solar, especialistas afirmam que o futuro da energia no Brasil é a renovável. O país é o primeiro colocado mundial no uso da bioenergia, que é aquela obtida por meio da conversão da biomassa em energia. De toda bioenergia utilizada no planeta, o Brasil consome 16%, seguido pelos EUA, com 9%, e Alemanha, com 7%.

Este percentual deve crescer ainda mais, uma vez que o Brasil se comprometeu a aumentar a participação de fontes renováveis na sua matriz energética entre 28% e 32% até 2030, como ferramenta para reduzir as emissões de gases causadores de efeito estufa.

Já temos tradição no uso da energia hidrelétrica, que também é considerada renovável, uma vez que aproveita a força mecânica da água, porém esta fonte está sujeita a

estiagens e outros problemas climáticos que podem prejudicar seu abastecimento.

No Paraná, onde está localizada a Itaipu, a segunda maior usina hidrelétrica do mundo, o uso de dejetos de animais (suínos, aves e bovinos) para a produção de biogás, e a geração de energia e biofertilizante, já está consolidado em diversas iniciativas que comprovam que é possível converter passivos ambientais em ativos energéticos.

À medida que avançam as tecnologias empregadas no meio rural, cresce a demanda por energia no campo. Mas os investimentos em geração e transmissão de energia por parte das empresas concessionárias não avançam no mesmo ritmo. Com isso, são registrados muitos casos de queda e interrupção no abastecimento, que causam prejuízos para avicultura, produção de leite e outras atividades que têm a energia como importante insumo.



“O Brasil é um país abundante em resíduos agrícolas, ou seja, tem enorme potencial para produzir bioenergia”

*Geisa Costa,
engenheira agrônoma da FAEP*

16%

da energia renovável do planeta
são consumidas pelo Brasil

Estratégia

O aproveitamento de dejetos ambientais para geração de energia dentro das propriedades, não é apenas uma opção econômica, mas estratégica para os produtores paranaenses. “A produção de bioenergia é uma ótima ferramenta para diminuir a dependência de combustíveis fósseis”, afirma a engenheira agrônoma da FAEP Geisa Costa.

A Federação realiza este ano uma série de visitas técnicas para conhecer sistemas de geração e uso das energias renováveis na Alemanha, Áustria e Itália. Nestas visitas, lideranças rurais e técnicos poderão conhecer como os

produtores destes três países estão utilizando as tecnologias e os recursos disponíveis para amenizar seus problemas energéticos e ambientais.

O roteiro inclui idas a centros de pesquisa, universidades, propriedades rurais e empresas que já utilizam ou pesquisam biogás, biomassa e energia solar.

Processo

A bioenergia é a energia obtida por meio de recursos naturais renováveis. O processo aproveita os resíduos disponíveis, que variam de região para região. No Sul do Brasil, por exemplo, são resíduos de madeira e dejetos de animais. Já no Nordeste, se usa casca de caju, fibra de coco e entre outros.

Resíduos ricos em matéria orgânica são boas fontes de combustível, a exemplo do esterco suíno, bovino e de aves. Algumas iniciativas utilizam até mesmo o esgoto urbano e o lixo doméstico para a produção de energia.

Na geração de bioenergia, as fontes de matéria orgânica (esterco, lixo etc.) passam por um processo de fermentação em um biodigestor, no qual são liberados gases, em especial metano e gás carbônico. Esse biogás pode ser purificado e transformado em biometano, que é utilizado como combustível para automóveis e tratores. O biogás também pode ser usado como fonte de energia térmica,



Pellets de madeira

Usina na Fazenda



aquecendo caldeiras, por exemplo.

Atualmente, a legislação prevê a possibilidade de repassar a energia excedente para a Copel, gerando um crédito de energia que pode ser utilizado em até 60 meses, na mesma propriedade ou em outra do mesmo dono.

Biofertilizante

O processo também produz o biofertilizante, que pode ser aplicado diretamente na lavoura. De acordo com a legislação vigente, no caso da utilização em áreas de pastejo, é necessário esperar 40 dias após o material ser incorporado no solo para evitar possíveis contaminações.

Outra forma de utilizar a biomassa para geração de energia é a compactação de resíduos vegetais para a produção de briquetes ou pellets, que podem ser usados como lenha. Neste processo, casca de arroz, bagaço de cana-de-açúcar e palha de milho, por exemplo, são prensados para formar um produto denso e com grande poder de queima. Uma tonelada de pallets equivale a 980 quilos de carvão mineral ou 480 quilos de gás natural.

No caso da energia solar, as células fotovoltaicas presentes nos painéis convertem a luz solar em eletricidade. No Brasil, a incidência de luz do sol é grande, mas o alto custo destes equipamentos ainda dificulta a expansão desta tecnologia no país.

Além de baratear o custo da energia e dar a destinação ambientalmente correta dos resíduos rurais, a bioenergia

pode garantir autonomia e independência aos produtores que tem na energia elétrica um insumo importante para produzir. No Paraná, existem casos bem-sucedidos do uso do biogás oriundo dos dejetos de animais. Além das vantagens econômicas e ambientais, há também ganhos na qualidade de vida das famílias, uma vez que a destinação dos resíduos para geração de energia diminui o mau cheiro, a presença de moscas e melhora o aspecto visual da propriedade.



VACINE CONTRA
FEBRE
AFTOSA

DE 1º A 31 DE
MAIO



Vacine bovinos
e búfalos com até
24 meses

Aproveite e regularize
o cadastro de animais
na Adapar



Informações: www.adapar.pr.gov.br



Alimento para o inverno

Pecuaristas apostam na silagem para garantir mantimento nutritivo aos animais ao longo da estação fria e úmida



A chegada do inverno, no dia 21 de junho, traz um desafio a mais para os pecuaristas do Estado. Com o clima frio e úmido, as áreas de pastagem tropical acabam sofrendo certa deterioração, em função da interrupção do crescimento, gerando o famoso “vazio forrageiro”, e exigindo uma alternativa para a alimentação dos animais, sem onerar de forma significativa o custo de produção.

Grande parte dos pecuaristas paranaenses, das atividades leiteira e de corte, aposta na silagem como forma de conservar a forragem para alimentação dos animais ao longo dos meses de inverno. “O produtor precisa estar à frente da situação, até para não ficar refém dos preços das commodities. Além da importância

dentro da propriedade, a silagem é fundamental para a cadeia produtiva, pois dá sequência ao desenvolvimento dos animais e garante alimento de qualidade o ano inteiro para a população”, explica Valter Harry Bumbieris Junior, professor do Departamento de Zootecnia da Universidade Estadual de Londrina (Uel).

A decisão de qual planta deve ser utilizada para silagem depende de uma série de fatores, como região, clima, custo de produção e valor nutritivo. As mais tradicionais são milho, sorgo, cana-de-açúcar, aveia e mandioca. “Acaba que a questão climática ajuda a definir. Tem também o fator solo”, ressalta Bumbieris.

Há dois anos, após um período

“As estratégias dependem de onde o produtor está inserido, das condições de solo e do uso de artifícios tecnológicos”

Valter Harry Bumbieris Junior, professor do Departamento de Zootecnia da UEL

utilizando a cana-de-açúcar para silagem, o pecuarista Dourvan Westphal, de Cidade Gaúcha, no Noroeste do Paraná, optou por apostar no consórcio entre sorgo e capim Mombaça. A forragem atual tem permitido uma economia financeira, além de atender de forma completa o sistema biológico do rebanho de 670 cabeças. Nesta safra foram dedicados cerca de 20 hectares ao consórcio.

“Apesar de ser a melhor, a silagem de milho tem um custo mais alto. A de cana precisa adicionar milho, inoculantes e proteínas, o que elevava o custo. Ou seja, o molho acabava saindo mais caro que o peixe”, diz Westphal. “O sorgo torna a silagem mais econômica, pois não uso plantadeira, posso cortar a rebrota do primeiro corte e praticamente não uso aditivos para manter a alimentação até passar a crise do inverno”, complementa.

Distante 230 quilômetros de Cidade Gaúcha, no município de Porecatu, no Norte do Estado, a pecuarista Ana Beatriz da Costa Ribeiro utiliza o milho para produzir silagem pensando na alimentação do rebanho de 300 cabeças ao longo do inverno. A atividade de corte ocupa 100 hectares da propriedade, sendo que 20% são para produção do cereal, tanto na safra de verão como na safrinha.

A escolha do milho está no valor nutricional do alimento, principalmente para os bezerros. Ana trabalha com o “ciclo cruzado”, como a mesma define.

“O pessoal da região que faz recria e engorda procura bezerro no inverno, mas não encontra. Nós achamos um nicho de mercado. Estamos apostando no bezerro de cruzamento industrial” ressalta. “Apesar de ser mais caro, o retorno nutricional do milho é maior, fundamental para o ciclo do bezerro. Além disso, não permite que as vacas percam porção corporal”, reforça Ana, que já usou sorgo e cana-de-açúcar em anos anteriores.

Ao longo do inverno, quando os animais passam para o sistema de confinamento, a pecuarista aproveita para corrigir o solo. Nesta temporada, ela irá fazer adubação verde.

Para o professor da Uel, a forragem ideal depende da decisão de cada produtor, que precisa analisar as aspectos financeiros, nutricionais e climáticos. “As estratégias dependem de onde o produtor está inserido, das condições de solo e do uso de artifícios tecnológicos. O que precisa mesmo é o pecuarista se antecipar, pois os animais precisam de suprimento, principalmente nesta época do ano”, conclui.

Conheças as características de cada forragem que pode ser utilizada para silagem



Milho

O cereal é o mais utilizado para silagem no mundo. Destinado para as pecuárias de corte e leite e ovinos. Porém, o custo é mais alto que dos demais.



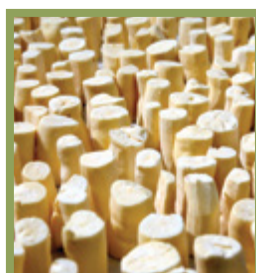
Sorgo

A forragem aparece como um substituto do milho, principalmente em regiões onde a quantidade de água não é adequada para o milho. Indicado para gados de corte e leite.



Cana-de-açúcar

O alimento apresenta um valor nutricional um pouco mais baixo que o milho, mas compensa por maior produção por hectare. É destinado para gado de corte. Como é mais fibroso, entra em menor quantidade na alimentação dos animais em confinamento.



Mandioca

Produzido em abundância na região Noroeste do Estado, o subproduto do alimento (rama) tem sido utilizado para silagem, principalmente para bovinos leiteiros. A forragem é rica em nutrientes. Porém, a desvantagem está na obrigatoriedade do trabalho manual de separar a rama da raiz, que segue para a indústria.

Charles Miller, “o pai” do futebol brasileiro



PAULISTANO ORGANIZOU A PRIMEIRA PARTIDA DO ESPORTE NO PAÍS

No começo de maio, a maioria dos campeonatos estaduais de futebol chegou ao fim, com decisões que encheram estádios de Norte ao Sul do país. Entre vencedores e vencidos, o esporte mexe com a paixão dos brasileiros e movimentou cifras milionárias, e tem apelo para influenciar a vida de muita gente.

Essa idolatria se deve muito a um paulistano, filho de escocês, apontado como o responsável por difundir o esporte no Brasil: Charles William Miller (1874 – 1953). Em 1884, Miller foi para a Inglaterra estudar. Na Banister Court School, em Southampton, conheceu o futebol, que à época se popularizava na terra da rainha e era, inclusive,

usado como método de educação física nas escolas daquele país.

O menino nascido no bairro do Brás, em São Paulo, logo se destacou jogando futebol na escola e foi recomendado para a equipe do St. Mary's Football Club. Na sua estreia no time, aos 17 anos, fez um dos gols na vitória de 3 a 1 do St. Mary's em um amistoso. Atuou no time em 13 partidas e fez três gols.

Em 1894, aos 20 anos, Miller retorna ao Brasil para trabalhar, como seu pai, na companhia de trens The São Paulo Railway Company, na capital paulista. Na bagagem, o rapaz trouxe bolas, chuteiras, uniformes e um livro com as regras do esporte. No São Paulo Athletic Club, passa a ensinar as regras a interessados pela modalidade.

Em abril de 1895, na Várzea do Carmo, em São Paulo, funcionários da Gas Company of São Paulo e da The São Paulo Railway Company se enfrentaram naquela que é considerada a primeira partida de futebol do Brasil. O esporte já era praticado no país à época, mas o jogo organizado por Miller, na Várzea do Carmo, teria sido o primeiro a ser disputado dentro das regras oficiais do esporte. Ele jogou pelo time da The São Paulo Railway



Company, que ganhou por 4 a 2.

Após o pontapé inicial do futebol no país, Charles Miller ajudou a criar a Liga Paulista de Futebol, que passou a organizar o que hoje conhecemos como Campeonato Paulista de Futebol. Também ajudou na montagem da equipe do São Paulo Athletic Club, que venceu os primeiros campeonatos paulistas (1902, 1903 e 1904). Miller era o capitão e o técnico da equipe. Foi o artilheiro no torneio de 1902 com 10 gols. Repetiu o feito no campeonato de 1904, com 8 tentos. Vale lembrar que apenas seis equipes da capital disputavam o torneio. Miller aposentou as chuteiras em 1910 e passou a atuar como árbitro. Foi também dirigente.

Miller morreu em 1953, em São Paulo, sem ver a conquista da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Suécia (1958), que elevaria o Brasil ao patamar de terra do futebol. Mas o legado pode ser visto diariamente nos campos de futebol do país.





Manifestação em Brasília em favor de mudanças no Código Florestal

Contribuição sindical continua valendo

Projeto que muda a lei ainda tramita no Congresso. Recursos contribuem para a defesa dos interesses dos produtores paranaenses

Entre as mudanças que estão sendo discutidas no âmbito da reforma trabalhista está o fim da contribuição sindical obrigatória. O Projeto de Lei n.º 6787/16, do Poder Executivo, foi aprovado no plenário da Câmara dos Deputados no final de abril, mas ainda precisa passar pelo Senado e depois ser sancionado pelo presidente Michel Temer. Isso significa que a medida ainda não é lei e pode sofrer modificações substanciais.

Dessa forma, é importante lembrar que a Contribuição Sindical Rural encaminhada aos produtores rurais pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA), com vencimento no dia 22 de maio, continua valendo. Os boletos bancários enviados aos produtores rurais, enquadrados pelo Decreto Lei n.º 1.166/71 no Sistema CNA, devem ser quitados no prazo, sob pena de incidência dos acréscimos legais.

Defesa

A contribuição sindical é importante para defender os interesses da classe produtora. O sistema sindical, que reúne na FAEP os sindicatos rurais de todo Paraná e na CNA, as federações da agricultura dos estados brasileiros, é a defesa política do produtor rural junto ao Legislativo e ao Executivo.

São esses recursos que permitem que a FAEP e os Sindicatos Rurais tenham condições de amparar os produtores rurais do Estado e encampar suas lutas junto aos órgãos governamentais. Os exemplos são diversos e vão desde mobilizações em caráter nacional, como ocorreu na ocasião da discussão do texto do novo Código Florestal, aprovado em 2012, até pleitos de demandas pontuais, como a

solicitação de ferramentas de apoio à comercialização da produção paranaense.

Em 2009, durante a discussão do Código Florestal, a FAEP organizou reuniões em diversos pontos do Paraná, mobilizando mais de 25 mil produtores para as mudanças que iriam ocorrer. Mais tarde, organizou a ida a Brasília de um “exército” de 4,5 mil produtores para exigir uma legislação ambiental mais moderna e justa.

A Federação também vem atuando para fomentar a conservação do solo e da água no Estado. Recentemente foi a articuladora do Programa Integrado de Conservação de Solo e Água do Paraná (Prosolo), iniciativa que agrega diversas entidades com o objetivo de retomar as boas práticas de conservação no Estado. Mais uma vez, a FAEP encampou as necessidades dos produtores paranaenses promovendo a articulação necessária para dar condições técnicas e de pessoal para proporcionar um manejo mais conservacionista.

Por meio do Sistema Sindical, os agricultores do Paraná ganham voz e têm condições de levar seus pleitos até as instâncias governamentais. Prova disso é que a Federação encaminhou diversas sugestões ao governo do Estado que foram atendidas. Dentre elas estão a criação da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), da Agência de Desenvolvimento do Estado, e o programa Pecuária Moderna, que visa promover a modernização da bovinocultura de corte paranaense.

Como entidade representativa, a FAEP também tem participação no Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e no Plano Safra do governo federal. Todo ano, a entidade encaminha um documento em conjunto com outras entidades do setor, que traz as necessidades do Paraná na área de custeio e comercialização da safra para serem contempladas nas políticas agrícolas.

Os recursos da contribuição sindical também permitem que a federação conte com um corpo técnico que acompanha as atividades agropecuárias no Estado e realiza o levantamento dos custos de produção.

Também promove e participa do Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná (Conseleite) e do Conselho dos Produtores de Cana-de-açúcar, Açúcar e Álcool do Estado do Paraná (Consecana), entidades que agregam os integrantes das cadeias produtivas do leite e da cana-de-açúcar para alinhar os preços praticados, estabelecendo balizas justas para produtores e indústrias. São realizadas reuniões mensais dos dois conselhos para definir o preço de referência destes produtos, tornando mais transparente o processo de comercialização.

Regularmente são realizadas reuniões das 11 Comissões Técnicas da FAEP, que acompanham as principais cadeias produtivas e os temas transversais a todos os setores. Nesses encontros participam produtores de todas as regiões do Estado, que têm nestes eventos oportunidade de trocar experiências e conhecer mais sobre a própria atividade.

CAR

Na área de meio ambiente, a FAEP encampou uma grande campanha de mobilização para a realização do Cadastro Ambiental Rural (CAR). A entidade trabalhou para esclarecer os produtores rurais sobre o cadastro e as consequências do não cumprimento desta legislação, enquanto tratava de solicitar ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) a prorrogação do prazo de adesão.

Atenta a estas questões, a federação identificou um defeito no software do Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural (Sicar), no qual é elaborado o CAR. A FAEP informou ao MMA o problema, que foi corrigido na versão seguinte do programa.

Estas são só algumas das ações promovidas pelo Sistema FAEP em defesa dos interesses dos produtores rurais do Paraná. A luta por melhor infraestrutura logística, por seguro rural e crédito agrícola acessíveis, a defesa contra invasões de terra e contra os exageros nas demarcações indígenas, entre diversas outras ações em nome da família rural paranaense.



Acesso direto

Uma plataforma na internet está sendo desenvolvida pelo governo federal para oferecer aos produtores brasileiros acesso direto à subvenção ao prêmio do seguro rural. O projeto atende a um pleito antigo da FAEP junto à União. A plataforma ainda está em desenvolvimento e dependerá da adesão de outros agentes do mercado de seguro rural para entrar em funcionamento, mas um projeto-piloto poderá ser usado com produtores de soja, em 2018. Atualmente, os produtores só conseguem acesso à subvenção via companhias seguradoras.



Combate ao enfezamento no milho

Para ajudar produtores a enfrentarem o enfezamento-pálido e o enfezamento-vermelho, doenças que trazem danos à lavoura do milho, a Embrapa criou uma página na internet (embrapa.br/controla-da-cigarrinha-do-milho) com informações sobre as doenças. Elas são provocadas por mollicutes, microrganismos transmitidos pela cigarrinha (*Dalbulus maidis*). O site traz explicações para que o produtor possa identificar as doenças e orientações de manejo dos enfezamentos. Na página, é possível entender como ocorre a infecção do milho por mollicutes, já que nem todas as cigarrinhas são transmissoras.

Estradas rurais

O governo do estado entregou, no dia 8 de maio, máquinas e equipamentos para a melhoria e manutenção de estradas rurais em 60 municípios do Paraná, atendidos pelo Programa de Desenvolvimento Econômico e Territorial: renda e cidadania no campo (Pró-Rural). Oito consórcios intermunicipais vão administrar os equipamentos. A meta é atender anualmente 50 quilômetros de estradas por consórcio e, assim, beneficiar os produtores no escoamento da safra. Cada conjunto de máquinas inclui escavadeira, retroescavadeira, trator de esteira, rolo compactador, motoniveladora, caminhão comboio e quatro caminhões basculantes. O plano de trabalho envolve obras de terraplanagem, drenagem, revestimento primário e logística e serão executadas de modo integrado às técnicas de conservação de solos e água nas propriedades.





LEITOR EM FOCO

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.



Flagra - O presidente do Sindicato Rural de Umuarama, Mário Zafanelli, flagrou uma seriema passeando nas imediações da sede da Fazenda São Francisco, em Alto Paraíso.



Tratorista - O leitor Marcos Antônio Del Padre encaminhou a foto da nova funcionária da fazenda. É a cadela Pantera atacando de tratorista.

Comercialização e gestão de risco

A França Júnior Consultoria vai promover o Curso de Comercialização e Gestão de Risco de Preços em Soja e Milho em Londrina (região Norte), nos dias 17 e 18 de maio, e em Cascavel (região Oeste), nos dias 24 e 25 de maio. Nos encontros, serão abordados a operacionalização dos mercados físico, de futuros e de opções, e as variáveis que possam ter impacto sobre a formação dos preços e a comercialização da soja e milho no curto, médio e longo prazos, como as tendências para a CBOT e para a taxa de câmbio.



Esclarecimento

A foto de uma turma do programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) foi usada apenas para ilustrar a reportagem “Corrente do bem”,

publicada na edição 1386 do Boletim Informativo. O texto trata da campanha desenvolvida pelo SENAR-PR para chamar a atenção de jovens e pais para os riscos do jogo da Baleia Azul e sobre as atividades a serem propostas aos alunos do JAA em relação ao assunto.



MARMELEIRO

JAA

O Sindicato Rural de Marmeleiro promoveu, no dia 26 de abril, uma visita técnica da turma do programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), de Flora da Serra do Sul, à Feira do Produtor em Francisco Beltrão, com a instrutora Nágila Lavoratti.



JURANDA

MANDIOCA

O Sindicato Rural de Juranda promoveu, no município de Boa Esperança, nos dias 6 e 7 de abril, o curso Beneficiamento e Transformação Caseira de Mandioca. Participaram 12 pessoas com a instrutora Sílvia Lucia Neves.



CIANORTE

TRATORISTA

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, entre os dias 20 e 24 de fevereiro, o curso de Tratorista Agrícola – Polivalente – Intermediário. Participaram 12 trabalhadores rurais com o instrutor Lucas David Schemberger.



CAMPINA DA LAGOA

AGRINHO

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa promoveu, no dia 6 de abril, o treinamento do Programa Agrinho – Histórico e Regulamento. Participaram do evento 52 professores e diretores escolares com a instrutora Ethiene Serrano Alves.



RIO AZUL

TABACO

O Sindicato Rural de Rio Azul, em parceria com a empresa Souza Cruz, promoveu, nos dias 11 e 12 de abril, o curso Trabalhador no Cultivo de Fumo – Manejo Conservacionista de Solos. Participaram 12 pessoas com o instrutor Edson Marcio de Siqueira.



GUARAPUAVA

TRATORISTA

O Sindicato Rural de Guarapuava promoveu, entre 19 e 28 de abril, o curso Tratorista Agrícola – NR 31.12. Participaram 12 pessoas com o instrutor Luiz Augusto Burei.



UBIRATÃ

MANDIOCA

O Sindicato Rural de Ubitatã, em parceria com o Centro de Atenção Psicossocial (Caps), realizou, entre os dias 27 e 28 de abril, o curso Produção Artesanal de Alimentos – Beneficiamento e Transformação Caseira de Mandioca – Básico em Mandioca. Participaram 16 pessoas com a instrutora Sílvia Lucia Neves.



RONDON

POSSE

O Sindicato Rural de Rondon empossou, em março deste ano, a nova diretoria eleita do sindicato. O presidente Irial Basso foi reconduzido ao cargo na chapa que tem como vice-presidente, Dirceu Borges Monteiro, como secretário, Wagner José Ferreira, e Orlando José Canali, como tesoureiro.

VIA RÁPIDA



Filhos únicos

Um estudo na China concluiu que filhos únicos apresentam mais criatividade em comparação com pessoas que têm irmãos. Pesquisadores do Laboratório de Cognição e Personalidade do Ministério da Educação da China se debruçaram em resultados de teste de personalidade e em exames feitos em cérebros de universitários para chegar a essa conclusão. A análise mostrou que o grupo de filhos únicos se saiu melhor nos testes de criatividade do que aqueles que tinham irmãos. Além disso, tinham mais massa cinzenta concentrada em uma área do cérebro associada com a imaginação. Uma possível explicação seria o convívio maior com adultos. Porém, o estudo também reforçou a tese de que os filhos únicos são mais egocêntricos. O teste revelou que esse grupo apresentou baixa amabilidade, ou seja, teria tendência a priorizar os próprios interesses. Vale lembrar que a China estimula pais a terem um único filho e o estudo pode refletir apenas a realidade daquele país.

Discussão de casal

Um casal vinha por uma estrada do interior, sem dizer uma palavra. Uma discussão anterior havia levado a uma briga. Nenhum dos dois queria dar o braço a torcer. Ao passarem por uma fazenda em que havia porcos e mulas, o marido perguntou, sarcástico:

- Parentes seus?
- Sim, respondeu ela. Cunhados e sogra.

Devolução

Uma cerimônia no dia 9 de maio em La Unión, na Colômbia, palco da tragédia com o avião que transportava a delegação da Chapecoense, jornalistas e convidados para a final da Copa Sul-Americana, em 29 de novembro, marcou a devolução de objetos das vítimas saqueados após o acidente. No final de dezembro do ano passado, um grupo de moradores de La Unión criou uma associação para recuperar os pertences das 71 vítimas do voo da LaMia. A campanha para que as pessoas devolvessem celulares, anéis, relógios, carteira, uniformes começou em janeiro. Cerca de 200 objetos foram entregues a familiares das vítimas durante a cerimônia em frente à igreja da cidade de 19 mil habitantes.



Se meu táxi falasse

Taxistas de qualquer cidade do mundo têm boas histórias para contar sobre passageiros e coisas esquecidas nos veículos. Recentemente, um motorista de Paris encontrou em seu carro um quadro pintado pelo argentino Lucio Fontana, esquecido por um negociador de arte. A obra avaliada em 1,5 milhão de euros (aproximadamente R\$ 5 milhões) foi colocada no porta-malas do veículo. O negociador levava a obra para mostrar a um colecionador, mas ao descer do carro esqueceu a pintura. O vendedor chegou a acionar a polícia, mas o quadro foi devolvido.





“Fanático é aquele que não consegue mudar de opinião e não aceita mudar de assunto”

Winston Churchill,
ex-primeiro-ministro britânico.

Superpoder

Uma rede de laboratórios em São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG) e Goiânia (GO) decidiu adotar o uso de óculos 3D para diminuir o estresse em crianças que vão tomar vacinas. Tecnologia já usada em outros países, os óculos exibem uma animação que coloca a criança como um herói que vai receber um “poder especial” para salvar o reino. A enfermeira acompanha a história por meio de um computador e passa o álcool no braço das crianças e aplica a vacina (o poder especial do herói) de acordo com o desenrolar da aventura. Um estudo da Clínica Sansum, nos Estados Unidos, mostra que crianças que usaram óculos 3D relataram ter sentido menos dor (75%) e menos medo (52%) do que aqueles que tomaram a vacina sem o equipamento.



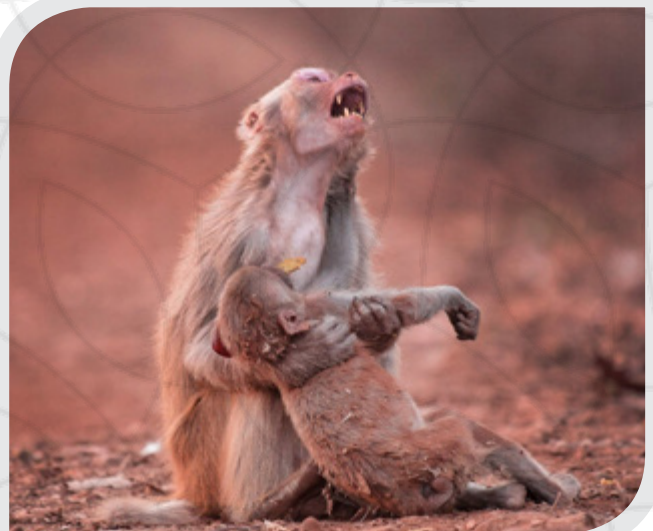
Papagaio

- Mãe, o que temos para comer?
- Nada, meu filho.
- Por que não compramos?
- Acabou o dinheiro.
- Por que não comemos o papagaio com arroz?
- Porque não tem arroz, meu filho.
- E papagaio ao forno?
- Não tem gás!
- E papagaio no forno elétrico?
- Cortaram a luz, filho.
- Papagaio frito?
- Não tem óleo!

O papagaio não aguenta e grita:
- Obrigado, meu Deus.



UMA SIMPLES FOTO



Envelhecer

Ao envelhecer, e nos tornarmos mais sábios, lentamente nos damos conta de que tudo é supérfluo.

Um relógio de 3 mil euros marca a mesma hora que um relógio de 30 euros.

Uma carteira de 300 euros carrega o mesmo dinheiro e documentos que uma de 3 euros.

A solidão em uma casa de 30 metros quadrados ou de 300 é a mesma.

Espero que um dia perceba que a tua felicidade interior não vem das coisas materiais no mundo.

Não importa se viaja em primeira classe ou econômica, morrerá se o avião cair.

Espero que perceba que, quando se tem amigos e irmãos, com quem falar, rir e cantar, isso é felicidade verdadeira.

Papa Francisco



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

•FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

•SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senapr@senapr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

